

“Que surjam os cientistas de amanhã”: divulgação científica e ensino das ciências em jornais de São Paulo (1957-1963)

RESUMO

O artigo analisa as abordagens de jornais de São Paulo sobre os concursos “Cientistas de Amanhã”, no período de 1957 a 1963. Busca-se, compreender seus objetivos e representações para o movimento de renovação do ensino das ciências na segunda metade do século XX. Os certames foram promovidos pelo Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, Seção São Paulo (IBECC/SP) com o patrocínio de empresas privadas e órgãos públicos educacionais. Para este estudo, foram analisadas 22 reportagens publicadas nos jornais Correio Paulistano e Diário da Noite. Trata-se, portanto, de um estudo histórico documental, com base na Nova História Cultural, seguindo o uso da imprensa como fontes para a História da Educação. Nos textos publicados nos jornais, constatou-se como a imprensa agiu diretamente no cotidiano dos concursos, à medida que se sedimentava uma divulgação científica de representação da ciência feita por grandes gênios, elitista, salvacionista e triunfalista. Por outro lado, divulgava que as edições do “Cientistas de Amanhã” estavam propagando mudanças nas práticas pedagógicas dos professores e alunos da escola secundária, destacando o ensino de ciências pela experimentação e o método científico no trabalho docente.

PALAVRAS-CHAVE: “Cientistas de Amanhã”. Ensino das ciências. IBECC/SP.

Tiago Rodrigues da Silva
tiagoroiz.silva@gmail.com
orcid.org/0000-0002-8325-7340
Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Marília, São Paulo, Brasil

Bruna Rodrigues da Silva
brunarsmc@gmail.com
orcid.org/0000-0001-8983-587X
Instituto Federal do Piauí (IFPI), Teresina,
Piauí, Brasil

INTRODUÇÃO

Em julho de 1948, José Reis, cientista especializado em divulgação da ciência, publicou o artigo “Em busca do talento científico” no jornal Folha da Noite em São Paulo. No texto, ele situa alguns programas governamentais dos Estados Unidos da América e do setor privado, por exemplo, da Westinghouse, empresa de energia nuclear, na descoberta de talentos científicos na escola secundária. O trabalho tinha forte apoio da comunidade científica norte-americana para a formação de jovens nas carreiras das ciências experimentais. As realizações provocam em José Reis os estímulos para sugerir a criação de um concurso nacional para a seleção de talentos da ciência nacional.

Para o cientista, o ensino das ciências em vigor da época, baseado, sobretudo, nas habilidades livrescas e mnemônicas formavam uma base de educação pouco usual das ciências experimentais. Os jovens estudantes brasileiros precisavam de estímulos para florescer os seus talentos científicos. Assim, para evitar a inércia das inteligências da mocidade brasileira, tornava-se urgente descobrir os “nossos talentos científicos e encaminhando-os para a ciência” (REIS, 1948, p. 04):

Que surjam entre nós os homens de boa vontade capazes de repetir a façanha da Westinghouse e fazer ressoar por todos os ginásios de todas as cidades do interior o grito da mobilização pela ciência. Que surjam os cientistas de amanhã e, uma vez, surgidos recebam em tempo o apoio e a orientação necessária! (REIS, 1948, p. 04).

José Reis lançou a ideia central do concurso “Cientistas de Amanhã” no final dos anos 1940, no entanto, somente em 1957 foi oficialmente promulgado a competição entre os jovens do ensino secundário ginasial e colegial (hoje, fundamental II e médio, respectivamente). O certame foi patrocinado por entidades privadas e promovido pelo Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), Seção São Paulo, comissão brasileira da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), realizado a partir do final dos 1950. Tornou-se uma das formas encontradas pelo campo científico-educacional (professores universitários, professores de ciências, física, química e história natural da escola secundária, etc.) para revelar os jovens para uma carreira científica. Sendo assim, o próprio nome do certame, bem sugestivo, tinha por objetivo também o desenvolvimento de uma educação científica, no âmbito do movimento de renovação do ensino das ciências nas décadas de 1950 a 1970.

O “Cientistas de Amanhã” deu-se como uma das estratégias pioneiras do IBECC/SP na iniciação às ciências, por meio do ensino secundário, com difusão do ensino experimental no país. O certame, tão logo criado, ganhou notoriedade política e educacional, com destaques em periódicos, rádios e televisão. No caso dos jornais, conforme Reis (1965, p. 20), havia uma “espontânea cobertura ao concurso”. Sob a égide do IBECC/SP, no final dos anos 50 e início dos 60 do século XX, o concurso foi uma das principais atividades de divulgação e ensino das ciências no país.

O propósito deste trabalho, no âmbito da história do ensino das ciências, portanto, foi analisar como os jornais Correio Paulistano e Diário da Noite, de São Paulo, veicularam o concurso “Ciências de Amanhã” do IBECC/SP. Fato que gerou as perguntas: quais foram as representações atribuídas ao certame? Como o “Cientistas de Amanhã” contribuiu para a legitimação do movimento de renovação

do ensino das ciências e de práticas experimentais nos ginásios e colégios? O recorte espacial parte-se da maior inserção do IBECC/SP, bem como do concurso nas escolas secundárias no estado paulista. Conforme Barra e Lorenz (1986), as inovações e experiências do IBECC/SP para o ensino das ciências tiveram início em São Paulo e, mais tarde, expandidas para o território nacional.

Para este estudo, faz-se uso dos procedimentos teórico-metodológicos da imprensa como fonte para a História da Educação. O levantamento de jornais foi realizado na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional (BNDigital). Nas buscas no acervo gratuito, utilizou-se a expressão "Cientistas de Amanhã" nas décadas de 1950 a 1970. Ao todo, foram localizadas 310 ocorrências em 29 jornais de diferentes regiões do país. São estes: A Cigarra (SP), A Gazeta (RJ), A manhã (RJ), Correio Braziliense (DF), Correio da Manhã (RJ), Correio Paulistano (SP), Diário Carioca (RJ), Diário da Noite (RJ), Diário da Noite (SP), Diário da Tarde (PR), Diário de Natal (RN), Diário de Notícias (RJ), Diário de Notícias (RS), Diário de Pernambuco (PE), Diário do Paraná (PR), Jornal do Brasil (RJ), Jornal do Commercio (AM), Jornal do Commercio (RJ), Jornal do Maranhão (MA), Jornal dos Sports (RJ), Nossa Voz (SP), O Dia (PR), O Estado de Mato Grosso (MT), O Jornal (RJ), Tribuna da Imprensa (RJ), Tribuna Liberal (MT), Última Hora (PE), Última Hora (PR) e Última Hora (RJ).

Considerando o recorte do estado de São Paulo, foram selecionados para o estudo os jornais Correio Paulistano e Diário da Noite, com 108 e 32 ocorrências, respectivamente. Sobre a delimitação temporal, o trabalho tem como marco inicial o ano de 1957, época de lançamento do "Cientistas de Amanhã" pelo IBECC/SP. Encerra-se, em 1963, por conta das limitações impostas pelas fontes documentais. A partir desse ano, os jornais não estão mais disponíveis no acervo da BNDigital.

Algumas pesquisas já debruçaram esforços para compreender o IBECC/SP e seu papel na institucionalização e divulgação da ciência e do ensino das ciências no país (BARRA; LORENZ, 1986; KRASILCHIK, 1987, 1989; ABRANTES, 2008; ABRANTES; AZEVEDO, 2010). Embora, Abrantes (2008) tenha descrito o concurso "Cientistas de Amanhã", suas análises foram reduzidas às relações institucionais do IBECC/SP. Não foram localizados, até o momento, estudos que busquem compreender o concurso como uma estratégia de divulgação científica para a renovação do ensino das ciências no final da década de 1950.

"ENCICLOPÉDIAS DO COTIDIANO": OS JORNAIS NO FAZER HISTORIOGRÁFICO

Os jornais – fontes hemerográficas – por serem as "enciclopédias do cotidiano", como escreveu Luca (2015, p. 112), contém registros fragmentados do passado. É importante situar os jornais não apenas como vestígios e registros da história, mas compreendê-los como uma das forças ativas que integram os processos históricos. Para Silva e Franco (2010), isso requer o reconhecimento de duas dimensões: os jornais de temáticas livres e os específicos. O primeiro de maior circulação destinado às massas, enquanto o segundo restrito a um grupo de leitores. O Correio Paulistano e Diário da Noite, de circulação estadual e municipal em São Paulo, respectivamente, foram jornais de temáticas livres, ou seja, destinados ao grande público, afinados com os principais acontecimentos diários. São reportagens curtas e breves para circulação, de forma rápida e ágil.

Os jornais como fontes históricas não podem ser compreendidos como reservatórios de verdades, pelo contrário, é preciso considerar suas parcialidades, em especial do grupo de editoração na conjuntura política e social à época. Dito de outra forma, pauta-se que toda fonte documental deve sofrer críticas na operação historiográfica, pois, é o “resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram [...] Todo o documento é mentira” (LE GOFF, 2013, p. 497). A crítica é tão fundamental no fazer historiográfico que, para Prost (2019, p. 57), “é a própria história e se afina à medida que a história se aprofunda e se amplia”.

Seguramente, o Correio Paulistano e Diário da Noite, lançados em 1854 e 1925, respectivamente, são tomados apenas como fontes históricas. Não se busca uma história cultural dos periódicos, uma história da imprensa paulista, mas uma história do ensino das ciências por meio dela. Estudos sobre a natureza ideológica e pragmática dos jornais foram realizados por Thalassa (2007, p. 148), definindo o Correio Paulistano como “arauto, conservador, liberal e modernista”. Por sua vez, para Romero (2008, p. 06), o Diário da Noite configurou-se nos anos 1950/60 para “as grandes massas de cunho sensacionalista”.

O levantamento das fontes foi realizado na BNDigital, entre os meses de março e maio de 2020, usando a expressão “Cientistas de Amanhã”, no período de 1950 a 1969. No total, foram localizadas 310 ocorrências em 29 jornais do país. Dentro do recorte do estado de São Paulo, destaca-se os registros no Correio Paulistano e Diário da Noite com 140 citações, através de 96 e 28 reportagens publicadas, respetivamente. Das 124 reportagens nos jornais, para este estudo, faz-se uso apenas de 22 matérias, no recorte temporal de 1957 a 1963. Foram publicações curtas e breves sobre a criação, finalidades, premiação e conquistas do “Cientistas de Amanhã” para o ensino das ciências na escola secundária.

As informações dos jornais permitem uma análise do processo de construção do ideário de renovação do ensino das ciências no final dos anos 1950. Entende-se que, “a imprensa constitui uma das melhores ilustrações de extraordinária diversidade que atravessa o campo educativo” (NÓVOA, 2002, p. 13). Nesse processo, uma importante categoria ampara as análises das fontes documentais: as noções de representações de Roger Chartier. Ou seja, os “modos como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 2001, p. 16-15). As noções de representações permitem compreender o IBECC/SP como um microcosmo que forja elementos para uma inteligibilidade de seus interesses pelo ensino das ciências no país. Por consequência, modos de perceber e apreender o mundo social, por meio de “esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 2001, p. 17).

De modo geral, compreendendo as noções de representações, têm-se a condução da pesquisa nas bases da Nova História Cultural. Em termos mais concretos, de “pensar a cultura com o conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2014, p. 15). Isto é, uma forma de compreender o mundo social sem o condicionamento rígido das estruturas econômicas e, em simultâneo, pensando nas formas que os sujeitos constroem, que seja no discurso, quer seja simbolicamente, os modos de ver e perceber o mundo social para mudá-lo.

NOTAS SOBRE O INSTITUTO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA/SÃO PAULO

O Brasil, como um dos Estados-membros UNESCO criou o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), pelo Decreto-Lei n. 9.355, de 13 de junho de 1946. Com sede no Rio de Janeiro, capital da República, o órgão foi vinculado diretamente no Ministério das Relações Exteriores. Nos termos da lei, o IBECC tinha por função ser um “organismo de cooperação para associar os principais grupos nacionais que se interessassem pelos problemas de educação e da pesquisa científica e cultural” (BRASIL, 1946). O IBECC, conforme Abrantes (2008), reuniu profissionais e intelectuais brasileiros, de diversas áreas, em torno de uma agenda de educação, cultura e ciência nacional.

Conforme João Neves da Fontoura, ministro das relações exteriores do governo Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), o IBECC seria “a obra, que hoje empreendemos é um serviço prestado ao sistema democrático” (INSTITUTO..., 1946, p. 03). Criado na atmosfera de redemocratização do país, após o fim do Estado Novo (1937-1945), como do espírito de liberdade da vitória dos Aliados da Segunda Guerra Mundial, o IBECC nasce com um projeto educacional, científico e cultural robusto para “exercer poderosa e decisiva influência no aperfeiçoamento moral e espiritual da humanidade, como garantia da paz e segurança dos povos” (INSTITUTO..., 1946, p. 03). Embora imprimido na sua certidão de nascimento, o IBECC não articulou suas ações para uma educação e divulgação científica. Nesse ponto, suas atividades eram genéricas, considerando o foco de projetos e eventos para outros setores educacionais, tais como, o folclore e educação popular. Foi na comissão de São Paulo, criada em 1950, que se deu uma sistematização de ações para a melhoria do ensino das ciências no país.

O IBECC/SP, fundado como parte do projeto do governo do Estado de São Paulo, na gestão de Ademar de Barros (1947-1951), entra para o escopo de comissões estaduais do órgão central no Rio de Janeiro, que “pouco a pouco [...] permitirão o perfeito funcionamento do IBECC, dando âmbito nacional às suas realizações” (BRASIL, 1949, p. 64). A solenidade de criação da comissão paulista do foi realizada na reitoria da Universidade de São Paulo (USP), com formação de uma diretoria, eminentemente, de seu quadro de cientistas, segundo Abrantes e Azevedo (2010): Raul Briquet (direção), Noé Azevedo, Geraldo de Paula Souza e Paulo de Menezes Mendes da Rocha (vice direção) e Jayme Cavalcanti (secretário-geral).

Sediado na Faculdade de Medicina da USP, o IBECC/SP compartilhava dos mesmos objetivos do órgão central no Rio de Janeiro. No entanto, gradualmente adquiriu características próprias, à medida que desenvolveu atividades sistemáticas para a melhoria do ensino das ciências no país, sobretudo, na escola secundária. A ideia era simples: alavancar o valor social da ciência e dos cientistas, por meio dos jovens e, ao mesmo tempo, despertá-los para a ciência. Neste entendimento, a formação de cientistas para o progresso científico e tecnológico nacional no centro do ideário de desenvolvimentismo econômico e industrialização do país. Para essa tarefa, Isaias Raw e José Reis se tornam figuras centrais. O primeiro nos quadros administrativos do IBECC/SP, enquanto o segundo, fora dos domínios institucionais da comissão paulista na divulgação das ideias e projetos para a renovação do ensino das ciências.

O projeto educacional de ensino das ciências do IBECC/SP, desenvolvido ao longo da segunda metade do século XX, atuou em diversas ações na educação científica formal e informal. Uma de suas primeiras atividades foi a construção e distribuição de kits de ciências, a partir de 1952, com apoio da UNESCO e encabeçado por Isaias Raw. Tratava, pois, das primeiras iniciativas para indução dos alunos nas aprendizagens de ciências pelo método científico. Os kits eram uma “caixa contendo material para a realização de experimentos” (BARRA; LORENZ, 1984, p. 1972).

Construído inicialmente de maneira artesanal, os kits de ciências foram um sucesso prontamente entre os jovens e nas escolas secundárias, sobretudo, pela capacidade de colocar os alunos diante da experimentação. Ao fim, recebeu olhares e recursos, sobretudo, de fundações privadas para sua produção e distribuição em larga escala. Krasilchik (1987, 1989) argumenta como o material do IBECC/SP, ao longo dos anos 1950 e 1960, tornou-se um recurso imperativo para a renovação do ensino das ciências no país.

Em 1955 foi eleita uma nova diretoria para a comissão paulista com Paulo Menezes Mendes da Rocha (presidente), Eurípedes Simões de Paulo (vice-presidente), Isaias Raw (secretário-geral) e Maria Julieta Ormastroni (secretária). A direção assumiu a missão de encabeçar a renovação do ensino das ciências no Brasil como um dos instrumentos para potencializar o progresso científico, tecnológico, industrial e econômico do país (BARRA; LORENZ, 1986). Não se pretende uma análise detalhada de todas as ações do IBECC/SP em prol do ensino das ciências no país, no período de 1950 a 1980.

Debruçando sobre essa problemática, Barra e Lorenz (1986), Krasilchik (1987, 1989), Abrantes (2008), Abrantes e Azevedo (2010) realizaram estudos sobre o processo de produção de material didático para o ensino formal das ciências durante os anos 1950 a 1980. A partir da segunda metade do século XX, as atividades do IBECC/SP em prol do ensino das ciências se tornavam mais incisivas, com subvenção de fundações estrangeiras e autarquias educacionais, ora do governo federal, ora das secretarias estaduais de educação. Por exemplo, em 1957, a “Fundação Rockefeller dou um valor de 10.000 dólares para apoiar as atividades do Instituto”. Já em 1959, o IBECC contou com apoio financeiro do Ministério da Educação e Cultura (MEC), com a destinação de “Cr\$ 1.8000.00 ao Instituto” (BARRA; LORENZ, 1984, p. 1972).

Com o apoio da divulgação científica de José Reis, Isaias Raw e Maria Julieta Ormastroni exercem um papel central no desenvolvimento de atividades para uma divulgação científica. As três maiores atividades do IBECC/SP no ambiente extraclasse do ensino das ciências foram os clubes de ciências, com os primeiros criados em 1952, as feiras de ciências, a primeira na cidade de São Paulo em 1960, e os concursos “Cientistas de Amanhã”. Não por acaso, após os trabalhos do IBECC/SP, nas décadas de 1950/60, houve a criação de atividades similares em outras regiões do Brasil (ORMASTRONI, 1998).

As três ações estabeleciam diálogos entre si e convergiam para a essência de uma boa divulgação científica de José Reis. Em suas palavras:

O que interessa mostrar ao público são os métodos de trabalho dos cientistas, a atitude destes em face dos problemas, os princípios que eles descobrem, a maneira pela qual esses princípios se articulam com o sistema geral do conhecimento e, é lógica, as consequências de toda ordem que deles decorrem. Pode-se assim espalhar e ensinar o hábito de pensar cientificamente (REIS, 1954, p. 58).

A difusão do pensamento científico era essencial para um apoio da ciência e cientistas por dois motivos entrelaçados: de um lado, a busca de uma conquista do público para a valor da ciência no desenvolvimento da sociedade, no outro, despertar os jovens da escola secundária para as carreiras científicas. Além disso, mobilizar os professores de ciências, física, química e história natural dos ginásios e colégios pela renovação dos métodos de ensino. Para Reis (1968, p. 254), “a ciência não como um livro, mas como desafio”.

Pensando na formação de carreiras científicas no Brasil, a comissão paulista do IBECC lançou o concurso “Cientista de Amanhã” em 1957. O certame contou com recursos financeiros da Organizações Novo Mundo-Vemag (ONMV), embrião de uma das primeiras empresas automotivas do Brasil até fins dos anos 1960, quando passou a ser custeado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ademais forte apoio da comunidade científica nacional, principalmente, na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

FORMAÇÃO DAS ELITES CIENTÍFICAS DO PAÍS: OS CONCURSOS “CIENTISTAS DE AMANHÃ”

O certame anual para menores de 19 anos foi oficialmente lançado em maio de 1957. A solenidade, firmando o acordo entre a comissão paulista e o patrocínio da Vemag, contou com participação do ministro da educação e cultura do governo Juscelino Kubistchek, Clóvis Salgado, do secretário de Saúde e Assistência Social de São Paulo, Carlos Gama, do presidente e diretor das Organizações Novo Mundo-Vemag, Domingos Fernandes Alonso e José Pereira Fernandes, respectivamente, e Mendes da Rocha, presidente do IBECC/SP (CONCURSO..., 1957a).

Os recursos financeiros da Organizações Vemag, conforme seu diretor José Pereira Fernandes, foram resultados da própria política interna da empresa pelo apreço de um culto à memória dos valores da ciência. A comunhão em torno de uma ciência salvacionista da humanidade e resposta para todo o progresso econômico do país foram expressas pelo diretor, em reportagem no Diário da Noite, publicada em janeiro de 1958:

Peço licença, meus senhores e jovens estudantes de ciências, para recordar algumas diretrizes de nossas empresas no culto à memória de valores que, nos laboratórios, na cátedra no labor dos campos, no jornalismo especializado, na vida pública e administrativa muito contribuíram para o progresso de nosso país [...] Sem vós cientistas e futuros cientistas, será tão e ilusório o desenvolvimento econômico do Brasil. A ciência, cultivada na variedade e de seus ramos, é a única segurança efetiva e real, para nossa civilização (CULTO..., 1958, p. 7).

Com mais de 100 mil cruzeiros, as Organizações Vemag financiavam as premiações do “Cientistas de Amanhã”, estabelecendo os valores de 50, 40 e 30

mil cruzeiros para os vencedores do primeiro, segundo e terceiro lugar, respectivamente. Contudo, a partir de 1962, na V edição, o certame passou a contar com apoio financeiro do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) com aumento nos valores dos prêmios: 100 mil cruzeiros, para o primeiro colocado, e 80 e mil para o segundo e terceiro (CIENTISTAS..., 1962).

Cada lugar no pódio do “Cientistas de Amanhã” possuía um patrono, uma homenagem póstuma para cientistas que desempenham papel importante de institucionalização da ciência no Brasil. O primeiro lugar com Theodoro Ramos, engenheiro-matemático, e incentivador do desenvolvimento das Ciências Matemáticas. O segundo, Henrique Rocha Lima, médico sanitário, e bacteriologista brasileiro, responsável pela descoberta da bactéria *Rickettsia prowazekii* causadora da doença tifo. O terceiro, Heinrich Rheinboldt, químico e professor cuja atuação é atribuída na fundação do Instituto de Química da USP. Além disso, havia uma premiação, no valor de 50 mil cruzeiros, para professores de ciências das escolas secundárias, cujo patrono era Miguel Osório de Almeida, médico neurologista e presidente do Instituto Oswaldo Cruz.

A experiência com o certame foi promovida com um crescente êxito do IBCEC/SP e passou a contar, a partir de 1959, com apoio do MEC, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) com atribuição de bolsas de estudos para os vencedores para cursos nas faculdades e universidades. Os jornais Correio Paulistano e Diário da Noite mantiveram uma periodicidade de notícias do ciclo de atividades do concurso: lançamento → inscrições → avaliações → finalistas → vencedores → entrega dos prêmios.

Durante os anos de 1957 a 1963 foram realizadas 6 edições do “Cientistas de Amanhã”. A primeira cerimônia foi simples e sem tantas repercussões no jornalismo. Os registros constam apenas em pequenas notas sobre os objetivos do concurso, conforme matéria no Diário da Noite, publicada em maio de 1957:

a) despertar nos jovens o gosto pela ciência e pela investigação científica; b) difundir o método científico, contemplando a formação da juventude para a vida moderna; c) descobrir jovens de talento excepcional, facilitando a criação da elite científica do país; d) premiar professores de ciências exatas, de curso médio, que contribuam de forma excepcional para o ensino básico de ciências (CONCURSO..., 1957b, p. 02, grifos nossos).

É interessante notar o lançamento do certame meses antes o lançamento do satélite artificial Sputnik-1 da União Soviética, em outubro de 1957. A primeira conquista do espaço, marco do início da Era Espacial, é considerado um dos maiores pontos de clivagem na história do ensino das ciências no Ocidente. A Era Sputnik foi o pontapé final que faltava para progredir o ideário de renovação do currículo científico nos países capitalistas, uma vez que a vitória soviética foi considerada um grande atraso científico nos Estados Unidos da América (CHASSOT, 2004). A partir disso, o governo estadunidense juntamente com a comunidade científica sucedeu uma série de reuniões, congressos, grupos de trabalho e programas para a renovação do ensino de ciências, química, física, matemática, geologia e biologia na escola secundária.

Nesse sentido, os futuros cientistas do Brasil, responsáveis pelo caminho de progresso científico e tecnológico que o país buscava equipare-se nos anos 1950,

a exemplo dos estadunidenses, precisavam ser despertados nos ginásios e colégios. Para com isso, formarem as “elites científicas do país”, segundo reportagem no Correio Paulistano, em janeiro de 1958 (FORMAÇÃO..., 1958, p. 16). Contudo, a elite científica pretendida pelo IBECC/SP e a SBPC não era vista como instrumento de diferenciação social, mas de sujeitos que deveriam ter um pensamento nacionalista de fazer progredir a ciência e tecnologia, quer fossem de classes sociais originais da classe média, quer fossem das populares.

Conforme Reis (1968, p. 194), para que, o “país tenha, não apenas cientistas, mas também uma classe dirigente compenetrada no valor da ciência para o desenvolvimento nacional”. O Brasil empenhava-se para reafirmar-se no cenário internacional de independência científica e tecnológica. Considera-se que, quaisquer iniciativas e projetos que não pautassem uma afirmação nacional do país era uma ciência e tecnologia de segunda classe (LOPES, 1969).

Os sentidos e significados propagados pelo “Cientistas de Amanhã” na imprensa podem ser reduzidos em dois aspectos, que estabelecem diálogos: “descobrir e incentivar vocações para a ciência, entre os estudantes secundários e bem assim incrementar entre os professores do mesmo nível, o aperfeiçoamento dos métodos de ensino de disciplinas científicas” (AMANHÃ..., 1959, p. 08). Ambos imbricados no projeto educacional do IBECC/SP de modernização do currículo e métodos de ensino das disciplinas escolares de ciências, física, história natural, biologia, química e matemática. Com o certame, propagava-se para o grande público, em especial aos jovens, os valores da ciência e a divulgação científica para a sociedade e, em simultâneo, estimulava-se, até financeiramente, o uso de métodos das ciências experimentais na escola secundária.

Pela matriz interpretativa da Nova História Cultural, compreende-se as relações estabelecidas entre o IBECC/SP com outros campos sociais, em especial das Organizações Vemag, na criação de representações para conferir inteligibilidade ao certame, forjada pelo próprios interesses dos cientistas da comissão paulista alinhados com os da empresa patrocinadora. As noções de representações circunscrevem uma compreensão do “Cientistas de Amanhã” como atos de pensamento e ação de que os indivíduos, tais como, Isaias Raw, Maria Julieta Sebastiani Ormastroni e José Reis, buscaram investir na legitimação de seus interesses pelos talentos científicos nacionais e a renovação do ensino das ciências na escola secundária. Por consequência, percebe-se as representações do “Cientistas de Amanhã” nas páginas dos jornais paulistas como as “categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real” construídas por “esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido decifrado” (CHARTIER, 2001, p. 17).

O concurso foi coordenado diretamente por Maria Julieta Sebastiani Ormastroni durante 40 anos consecutivos. Para participar os alunos deveriam enviar um trabalho e/ou projeto científico apresentado e documentado, com orientação obrigatória de um professor da escola secundária para a sede do IBECC/SP. Em anexo, os alunos deveriam submeter uma espécie de relatório de pesquisa, com os principais achados, instruções e conclusões. Além disso, suas informações pessoais (nome completo, cidade, escola, idade, etc.). O mais importante era que os alunos dominassem a produção e intelectualidade do trabalho científico.

O certame, de temática livre, não exigia a escolha por áreas da Biologia, Física, Química, Matemática, Geologia e Mineralogia para inscrição, como também limites de vagas. Os próprios alunos escolhiam os trabalhos e/ou projetos científicos de acordo com seus interesses e orientações dos professores. As pesquisas eram avaliadas por uma comissão de professores universitários convidados pelo IBCEC/SP, sobretudo, da USP. Conforme Reis (1965), a comissão de especialistas atribuía carinho no processo avaliativo. Em suas palavras:

Na escolha, os julgadores preocupam-se com a originalidade (um trabalho improvisado e meio "capenga" pode merecer uma classificação do que um todo reluzente e bem feito materialmente, porém sem a mesma capacidade de inventar e raciocinar observava no outro), com as condições em que o trabalho foi realizado (sozinho e desajustado, em meio adverso, ou em escola dotada de professor entusiasmado e recurso amplos) e, em todos os casos, com o mérito mesmo da idéia ou de sua realização (REIS, 1965, p. 16 e 18).

No julgamento dos trabalhos era considerado a criatividade dos alunos e esforços relatados no desenvolvimento e aplicação do projeto científico. Não precisa realizar grandes invenções ou descobrir algo inédito, mas “mostrar que não é apenas estudioso (capaz de ler muito coisa sobre o assunto), mas assim que, como cientista, pode ele próprio interrogar a natureza, até chegar a uma explicação sua para os problemas que analisou” (ABERTAS..., 1959, p. 06). Pela lógica, os jovens secundaristas deveriam ser capazes de efetuar as etapas do método científico: observação, elaboração do problema, hipóteses, experimentação, análise dos resultados e conclusão. Seguir os passos dos cientistas modernos com inteligibilidade e domínio sobre a natureza.

Como os projetos científicos dos alunos geralmente foram realizados de forma improvisada, a comissão avaliadora levava em conta outros aspectos, mas, principalmente, a lógica da ideia sobre a produção científica dos alunos e sua originalidade na elaboração. Conclui Reis (1965) que:

Não procura o concurso premiar apenas aparelhos e demonstrações de laboratório, mas também observações feitas na própria natureza, desde que sistemáticas e bem orientadas, refletindo muito mais do que a simples preocupação de registrar e colecionar (REIS, 1968, p. 18).

Após os exames de todos os trabalhos, a comissão divulgava, em cerimônia no IBCEC/SP, os 10 finalistas do concurso que ganhavam uma viagem para participação nas reuniões anuais da SBPC. Assim, em 1958 os classificados viajaram para a capital paulista, com as despesas pagas pelo IBCEC/SP, enquanto, entre 1959 a 1963, o órgão levou os cientistas-mirins para Salvador/BA (1959), Piracicaba/SP (1960), Poço de Caldas/MG (1961) e Curitiba/PR (1963). O contato com a SBPC promovia, para Reis (1965), duas oportunidades para os finalistas: as discussões sobre os trabalhos entre os classificados e uma orientação vocacional com os cientistas presentes nos congressos nacionais.

As divulgações dos finalistas criavam um clima de expectativas nos públicos. São várias as matérias na imprensa paulista que corroboram para a ideia de euforia em torno das exibições das listas com os 10 futuros cientistas-mirins. Tais como, “Selecionados ontem no IBCEC os 10 estudantes finalistas”, no Diário da Noite, em 1962. No jornal Correio Paulistano, as notícias com as chamadas: “Dentro de dias

os finalistas do concurso Cientistas de Amanhã” e “Hoje a apresentação dos finalistas do concurso Cientistas de Amanhã”, publicadas em 1960.

Nas reuniões anuais da SBPC havia a formação de uma nova comissão de avaliação, contando sempre com a presença de uma psicóloga educacional. Nesta etapa, os jovens secundaristas eram sabatinados pelos professores universitários acerca das concepções de seus projetos e trabalhos científicos. Após a prova oral, os três premiados eram selecionados entre os 10 finalistas. As viagens dos alunos para as cidades das reuniões da SBPC também ganhavam as páginas dos jornais. Por exemplo, o jovem Sátio Fugisava, que “construiu um motor elétrico e ganhou uma viagem à Bahia”, segundo o Correio Paulistano, em julho de 1959 (CONSTRUIU..., 1959, p. 09). Ou ainda, “Cientistas de Amanhã partiram para Curitiba”, em matéria publicada pelo Correio Paulistano, em julho de 1962 (CIENTISTAS..., p. 1962, p. 08).

Sendo Assim, com a ideia de José Reis, um dos fundadores da SBPC, na cidade de São Paulo, em 1948, o “Cientistas de Amanhã” passou a viajar pelo Brasil atribuindo-lhe um itinerário de divulgação científica da Sociedade, como também buscando atingir uma abrangência mais nacional. No alinhamento pelo concurso do IBECC/SP e SBPC, faz compreendê-lo como um dos instrumentos para construção e ordenação social de que o progresso e valorização da ciência precisava compenetrar na escola secundária. Logo, o uso de periódicos torna-se uma ferramenta para alcançar as “representações oriundas dos referencias de um determinado grupo que comunga ideias e propostas próprias, que precisam chegar a uma população cada vez maior, para que se consiga a legitimidade (GONÇALVES NETO, 2002, p. 224).

No período de 1958 a 1963, o certame classificou 60 estudantes, principalmente, de escolas secundárias, do nível colegial, com a premiação de 18 jovens. Os alunos, na maioria, adolescentes, entre 15 e 18 anos, de colégios da capital e interior paulista. Com o passar dos anos, o “Cientistas de Amanhã” foi ganhado nas páginas dos jornais uma representação de disputas e embates entre os estudantes das unidades federativas. De acordo com o Correio Paulistano, em 1960 houve a participação de 72 alunos, de diferentes estados, representados por “Rio Grande do Sul, Paraná, Guanabara, Minas Gerais, Ceará e São Paulo, este com o maior número de concorrente (MAIS..., 1960, p. 07). Por sua vez, na V edição, em 1962, “dos 60 trabalhos, estudantes de São Paulo contribuem com 43” (BIOLOGIA..., 1962, p. 10).

Era claro, pois, a comemoração da imprensa paulista na vitória simbólica de São Paulo com o maior número de estudantes inscritos e vitoriosos nos “Cientistas de Amanhã”. Como exemplos, a reportagem do Diário da Noite sobre a vitória de um estudante do interior paulista, em 1959, com a ênfase de que ele “conquistou o maior prêmio de um jovem estudante e horticultor em Registro” (CONQUISTOU..., 1959). O Correio Paulistano exaltando que, os “estudantes de São Paulo e de São Carlos venceram concurso Cientistas de Amanhã” (ESTUDANTES..., 1960). Nas primeiras seis edições, o concurso, de fato, foi conquistado, principalmente, pelos estudantes paulistas, sobretudo, da capital. Dados do Quadro 1 deixam claro essa hegemonia no início do certame. Apenas na V edição, em 1962, houve a vitória de um estudante, fora dos quadros de colégios paulistas. A premiação do terceiro lugar do aluno José Augusto de Castro Carvalho de Manaus (AM).

Quadro 1 - Premiados no “Cientistas de Amanhã” (1958-1963)

Ano/Edição	Premiados – Trabalhos científicos – Cidades/Estados
1958/I	1º Roberto Jaime Rodrigues - Estudo sobre o bicho do livro, Lepisma, popularmente conhecida por traça - São Paulo/SP; 2º Alberto Lopes Campos; 3º Alonso Augusto Gomes.
1959/II	1º Sátio Fugisava - Construção de um motor elétrico - Registro/SP. 2º Marcio Mateus Tolentino; 3º João Carlos Normanha Salles.
1960/III	1º Frank Harling, Augustin Woelz e Ekkahard Schubert - Propulsão a foguete e avião Canard - São Paulo/SP; 2º Eneas Longhi Sobrinho - Termostato, fusível automático e harmonioscopio - São Paulo/SP; e 3º Carlos Eduardo Guião - Geologia econômica de uma região do município de Mogi-Guaçu e Pastilhas de argila - São Carlos/SP.
1961/IV	1º Paolo Banomi - Estudos sobre as progressões do primeiro grau - São Paulo/SP; 2º Francisco Komatsu e Orlando Toieto Piza - Estudos físico-químico das escórias de fornalhas da Usina de Açúcar e seu aproveitamento Industrial - Piracicaba/ SP; e 3º Rubens Menezes Feraz - Estudos físico-químico da borra de café e seu aproveitamento Industrial - Piracicaba/ SP.
1962/V	1. Antonio Gilioli - Estudos de sucessões numéricas particulares - São Paulo/SP; 2º Orsón Mureb Jacob / Contribuição ao estudo da influência do cozimento sobre a variação do conteúdo de cálcio e fósforo de alimentos e sua importância - Piracicaba/SP; 3º José Augusto de Castro Carvalho - Contribuição ao estudo da larva de coleóptero filófago - Manaus/AM.
1963/VI	3º Geraldo Lino de Campos - Novo Método de Gravação - São Paulo/SP

Fonte: Adaptado de *Correio Paulistano* e *Diário da Noite* (1957-1963).

Em termos gerais, os trabalhos científicos premiados pelo concurso, entre 1958 e 1963, foram em sua grande parte de conteúdos da Física e Biologia. Contudo, a escolha das áreas das ciências pelos alunos não era linear sendo voláteis e passíveis de mudança a cada ano. Em 1960, o “Cientistas de Amanhã” obteve “inscrição de 80 trabalhos, distribuídos entre a Física (32), Ciências (12), Mineralogia e Geologia (12), Química (12), Matemática (4) e Biologia (8) (CONCURSO..., 1960). Por sua vez, 1962, tinha-se outro cenário, de que nos “trabalhos apresentados nota-se que a Biologia é parte mais concorrida, e apesar da era atômica e dos ‘sputniks’, nossos jovens se preocupam mais com as coisas simples que os rodeiam” (CIENTISTAS..., 1962, p. 04). Logo, deu-se uma representação de que a “Biologia preocupa os cientistas de amanhã” (BIOLOGIA..., 1962, p. 10). Mas o número maior de inscrição de uma área do conhecimento não determinava a vitória do cientista-mirim, posto que, nas IV e V edições, em 1961 e 1962, respectivamente, os trabalhos premiados foram sobre a Matemática.

Se as listas dos classificados geravam grandes expectativas pelos nomes, pesquisas e localidades dos finalistas, não é de estranhar que os resultados finais detinham ares de um grande evento nacional. As cerimônias de premiações ganhavam holofotes da mídia televisa, sendo os premiados anunciados em programa de TV, feitos especialmente para as ocasiões. As solenidades de premiação foram ao ar pela rede televisa Record ou na extinta TV Tupi, conforme fotojornalismo do Diário da Noite, publicado em dezembro de 1962 (Figura 1).

Figura 1 - Premiação V “Cientistas de Amanhã” (1962)



Fonte: *Diário da Noite*, São Paulo, ano XXXVII, n. 11.617, 4 de dez. 1962, p. 06.

Toda a propaganda massiva, nos jornais e na TV, do certame traz em seu bojo alguns aspectos dos caminhos históricos da divulgação científica no Brasil. Conforme Moreira e Massarani (2002), os anos 1950/60, o país vivia sua segunda onda de vulgarização da ciência, sobretudo, pela sua intensa valorização na era atômica e a corrida espacial disputadas pelas potências estadunidenses e soviética. Para os autores, a primeira grande onda que buscou popularizar a ciência nacional deu-se no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, o “Cientistas da Amanhã” carregou um forte apelo para a divulgação da ciência, sobretudo, àquela aplicada para fins industriais e econômicos.

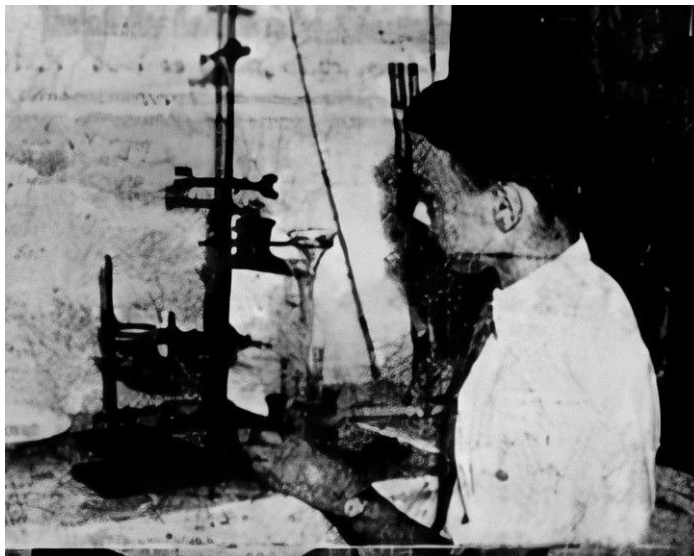
Os jovens secundários dos concursos foram colocados como futuros cientistas do país, na realidade, representados como instrumentos para “imprimir à economia nacional o ritmo do desenvolvimento planejado, por equipes descomprometidas de preconceitos ou paixões” (ENTREGUES..., 1960, p. 07). Para as Organizações Novo Mundo-Vemag, conforme matéria no *Correio Paulistano*, publicada em abril de 1960:

É animador vêr que há uma juventude que estuda com seriedade, que trabalha com instrumentos de ciência [...] São os futuros “cientistas de Amanhã” de que tanto necessita o Brasil. Vocações que não podem ser frustradas. Estes jovens, com seus estudos os trabalhos originais que expuseram, redimem a juventude transviada, irresponsável e fútil. É um exemplo e orgulho, mão só para seus pais, como também esperança na substituição dos poucos e encanecidos cientistas brasileiros que estão se retirando da vida ativa (NOS..., 1960, p. 08).

O certame, então, imprimia um marco na difusão do método científico entre os jovens ao designá-los à ação de uma educação científica. Nesse processo, as características tipicamente postas dos estudantes como gênios e o trabalho científico como algo isolado, carregado de sacrifícios e abstinências pessoais. Por exemplos, um “jovem cientista gastou 130 horas para confecção da lente de um telescópio” (JOVEM..., 1963, p. 03) ou de que “cientista-mirim paranaense construiu seu aparelho após muitas marteladas no dedo” (CIENTISTA..., 1963, p.

03). No exemplo da Figura 2, um dos finalistas, Celso da Silva, da primeira edição “Cientistas de Amanhã”, sendo apresentado pela imprensa como “autêntico cientista” (NOVA..., 1958, p. 10).

Figura 2 - Finalista do “Cientista de Amanhã” (1957)



Fonte: *Diário da Noite*, São Paulo, ano XXXIII, n. 10.115, 20 de jan., 1958, p. 10.

Valer-se das noções de representações de Chartier (2002) faz compreender as imagens dos alunos nos jornais, sempre de jalecos ou com trajas a vigor e cercados de equipamentos laboratórios e seus projetos científicos, como mais um dos instrumentos para a construção de modos de pensamento e ação do ensino experimental na escola secundária. Em outro exemplo, os alunos com seus foguetes vencedores da IV edição (Figura 3).

Figura 3 - Vencedores (1º lugar) do IV “Cientistas de Amanhã” (1960)



Fonte: “Correio Paulistano”, São Paulo, ano 107, n. 31.996, 17 de jul. de 1960, p. 20.

Em segundo plano, por meio da Nova História Cultural, o fotojornalismo buscou conquistar uma legitimidade para os certames, atribuindo-lhe como espaço de elementos, saberes e práticas escolares para a renovação do ensino das ciências. Para Chartier (2002, p. 23), são as “práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição”. Assim, a semiótica das fotografias dos cientistas-mirins usadas na imprensa, por meio da NHC, é uma das formas compreender “as formas discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo” (PESAVENTO, 2014, p. 42).

Embora, o certame tenha colocado uma visão individualista e elitista da ciência como meta a alcançar na formação dos jovens, com frequência foi conduzido pelos trabalhos em equipe. Mesmo assim, não deixou de sedimentar no campo social uma imagem que aparece os premiados, como gênios isolados, transmitindo-lhes expectativas grandiosas para o futuro da ciência e tecnologia no país. Jovens, que tão cedo, colocavam a sua “ciência de quintal a serviço do bem-comum”, conforme matéria publicada no Diário da Noite, em janeiro de 1958. (NOVA..., p. 1958, p. 10).

Se por um lado, a forte divulgação nos jornais propaga o ideário proposto do “Cientistas de Amanhã”, por outro, também foi um instrumento de cristalização de ideias pré-concebidas da ciência e seus modos de fazer. O que Gil Pérez et al. (2001), pontuam como imagens deformadas do trabalho científico, sobretudo, para uma visão salvacionista, rígida, analítica e individualista. Contudo, não é de estranhar a propagação destas imagens da ciência e os cientistas no cenário da pós-segunda guerra mundial.

Para Luciano Vasconcelos de Carvalho, secretário de educação de São Paulo do governo Carvalho Pinto (1959-1963), o “Cientistas de Amanhã” tornava-se um “um exemplo inspirador de uma nova mentalidade” (ENTREGUES..., 1960, p. 07). A nova mentalidade forjada pelo certame consistia na propagação do ideário de uma renovação dos métodos de ensino das ciências na escola secundária. O concurso impulsionava, por meio dos próprios alunos e professores o uso frequente da experimentação na sala de aula.

Conforme relato de uma professora de ciências naturais de escola em Osasco/SP ao Correio Paulistano, em julho de 1963:

“Isso não quer dizer a eliminação da teoria que é imprescindível à fixação e a melhor compreensão, mas a experimentação veio como seu corolário, dando aos alunos a oportunidade que precisavam viver os fenômenos da vida e da natureza, que antes eram conhecidos apenas pelos gráficos e pelas equações. Todos os anos preparo trabalhos dos alunos para o grande época do certame e chega a ser contagiante o entusiasmo que deles se apossa ao sentirem a possibilidade de participar dessa maratona intelectual. Acredito que já podemos considerar superada aquela fase que caracterizava o ensino de ciências, pelo método científico decorativo, pela enunciação pura e simples de formulas, num processamento pedagógico que espantava os alunos e criava aversão pela matéria. Hoje, o ensino de faz com base nos interesses do educando, baseia-se totalmente na motivação e é essencialmente prático [...] Atualmente a criança aceita e vibra com o ensino de ciência e a demonstração mais eloquente pode ser vista no monumental concurso “Cientistas de Amanhã” (JOVEM..., 1962, p. 05).

Apesar de longa a fala da professora secundarista, sua narrativa descreve o sentimento que o “Cientistas de Amanhã” culminou no ensino de ciências no país à época. Uma estratégia do IBECC/SP que “comprovou que há muitos talentos vocacionais esperando oportunidade” (COMPROVOU..., 1960, p. 06). A análise do conjunto de sentidos e significados do certame atribui seu peso na introdução massiva do ensino pela experimentação nos anos 1950/60. Uma tentativa de mudanças de métodos dos alunos e professores da escola secundária no saber e saber-fazer do ensino das ciências pelas etapas no método científico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os recortes da imprensa Correio Paulistano e Diário da Noite possibilitaram uma melhor compreensão da construção social do “Cientistas de Amanhã” e suas linhas de pensamento e inteligibilidade para divulgação e legitimação do ensino experimental na escola secundária, no período de 1957 a 1963. Isso permite afirmá-los como uma estratégia para a conquista de professores e alunos no projeto educacional de renovação do ensino das ciências do IBECC/SP. A grande quantidade de matérias nos jornais também foi resultado direto de uma valorização que as ações do órgão encontravam na imprensa e seus leitores. Algumas notícias deixam claro a mudança em curso no ensino das ciências no país ocasionadas pelos concursos.

É fato que havia uma retórica de apoio dos jornais pelo “Cientistas de Amanhã”, divulgando seu cronograma, finalistas, comissões, premiados e os métodos científicos executados pelos alunos. Se, por um lado, os concursos foram colocados como instrumento para o progresso da ciência e tecnologia nacional, por outro, também serviu na divulgação científica entre os jovens da escola secundária. Colocou os alunos secundaristas na posição de destaque para o futuro do Brasil, representando-os como gênios em formação para a condução do progresso científico, industrial e tecnológico do país.

Apesar das fragilidades das fontes históricas, percebe-se que os concursos possibilitaram contribuições significativas na construção de uma imagem da ciência e seus métodos de produção de conhecimento no final dos anos 50 e início dos 60 do século XX. Contudo, por vezes, favorecendo uma representação de ciência salvacionista e produzida por grandes gênios que precisam ser descobertos no ensino médio. Isso, talvez pela divulgação não ter sido produzida pelos jornalistas científicos, mas apenas para fins comerciais e sensacionalistas da imprensa paulista.

As problematizações dos concursos despontam alguns traços da formação histórica do imaginário social da ciência e a cultura científica no país. Os desafios de uma divulgação da ciência e práticas escolares que não deformem a imagem da ciência persistem. Além disso, traz questões posteriores sobre a ausência de estudantes do gênero feminino no “Cientistas de Amanhã”. São temas recolocados na ordem do dia pela importância da ciência no mundo pós-pandêmico, sobretudo, pela necessidade de construção de pontes entre a comunidade científica e a população, como também de valorização do ensino das ciências na educação básica, os ataques ao pensamento crítico, a desvalorização profissional dos cientistas e a busca de equidade de gêneros na ciência.

“Let the scientists of tomorrow be”: scientific divulgation and Science teaching in São Paulo newspapers (1957-1963)

ABSTRACT

The paper analyses the approaches of São Paulo newspapers regarding the “Cientistas de Amanhã” (Scientists of Tomorrow) contests from 1957 to 1963. It aims to comprehend the objectives and representations to the movements of renewal of Science education in the second half of the 20th century. The contests were held by the Brazilian Institute of Education, Science and Culture of São Paulo (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, Seção São Paulo – IBECC/SP) and sponsored by private companies and public educational agencies. This research analyzes 22 reports from the newspapers *Correio Paulistano* and *Diário da Noite*. It is characterized as a historical documental study, based on The New Cultural History, following the use of the press as source for History of Education. The newspaper texts show how the press has directly acted in the contest as scientific dissemination of representation of science made by great geniuses, elitist, salvationist, and triumphalist was sedimented. On the other hand, the texts published that the contest editions were promoting changes in the teaching practices of secondary school teachers and students, highlighting the teaching of Science through experimentation and the use of the scientific method.

KEYWORDS: Scientists of Tomorrow. Science Teaching. IBECC/SP.

REFERÊNCIAS

“CIENTISTA-mirim” paranaense construiu seu aparelho após muitas marteladas no dedo. **Correio Paulistano**, São Paulo, ano 110, n. 32.872, 19 jul. 1963, p. 03.

“Cientistas de Amanhã” partiram para Curitiba. **Correio Paulistano**, São Paulo, ano 109, n. 32.596, 8 jul. 1962, p. 08.

“CIENTISTAS de amanhã”. **Correio Paulistano**, São Paulo, ano 108, n. 32.439, 26 dez. 1961, p. 11.

ABERTAS as inscrições para o III concurso “Cientistas de Amanhã”. **Diário da Noite**, São Paulo, ano XXXIV, n. 10.647, 19 out. 1959, p. 06.

ABRANTES, A. C. S. **Ciência, educação e sociedade: o caso do Instituto Brasileiro de Educação, ciência e Cultura (IBECC) e da Fundação Brasileira de Ensino de Ciências (FUNBEC)**. 2008. 287 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2008.

ABRANTES, A. C. S.; AZEVEDO, N. O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e a institucionalização da ciência no Brasil, 1946-1966. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 5, n. 2, maio/ago., p. 469-489, 2010.

AMANHÃ a entrega dos prêmios do II concurso “Cientistas de Amanhã”. **Correio Paulistano**, São Paulo, ano 106, n. 31.736, 13 set. 1959, p. 08.

BARRA, V. M.; LORENZ, K. M. Produção de materiais didáticos de ciências no Brasil, período: 1950-1980. **Ciência e Cultura**, v. 38, n.12, p. 1970-1983, 1986.

BIOLOGIA preocupa os Cientistas de Amanhã. **Correio Paulistano**, São Paulo, ano 108, n. 32.585, 24 jun. 1962, p. 10.

BRASIL. **Decreto-lei n. 9.355, de 13 de junho de 1946**. Funda o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-9355-13-junho-1946-417468-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso 03 mar. 2021.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Relatório 1949**. Rio de Janeiro, 1949.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Algés/Portugal: DIFEL, 2001.

CHASSOT, A. Ensino de ciências no começo da segunda metade do século da tecnologia. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (Orgs.). **Currículo de ciências em debate**. Campinas: Papyrus, 2004, p. 13-44.

CIENTISTAS de Amanhã. **Diário da Noite**, São Paulo, ano XXXVII, n. 11.409, 4 abr. 1962, p. 04.

COMPROVOU que há muitos talentos vocacionais esperando oportunidade. **Correio Paulistano**, São Paulo, ano 107, n. 32.029, 25 ago. 1960, p. 06.

CONCURSO “Cientistas de Amanhã”. **Correio Paulistano**, São Paulo, ano 104, n. 31.160, 29 out. 1957b, p. 02

CONCURSO “Cientistas de Amanhã”. **Diário da Noite**, São Paulo, ano XXXII, n. 9.914, 23 maio 1957a, p. 09.

CONCURSO “Cientistas de Amanhã”. **Diário da Noite**, São Paulo, ano XXXV, n. 10.844, 9 jun. 1960, p. 12.

CONQUISTOU o maior prêmio jovem nisei estudante e horticultor em Registo. **Diário da Noite**, São Paulo, ano XXXIV, n. 10.575, 27 jul. 1959, p. 02.

CONSTRUIU um motor elétrico e ganhou uma viagem à Bahia. **Correio Paulistano**, São Paulo, ano 106, n. 31.682, 12 jul. 1959, p. 09.

CULTO à memória dos valores da ciência. **Diário da Noite**, São Paulo, ano XXXIII, n. 10.1198, 24 jan., 1958, p. 07.

ENTREGUES ontem os prêmios do concurso “Cientistas de Amanhã”. **Diário da Noite**, ano XXXV, n. 10.910, 25 ago. 1960, p. 07.

ESTUDANTES de São Paulo e de São Carlos venceram concurso “Cientistas de Amanhã”. **Correio Paulistano**, São Paulo, ano 107, n. 31.996, 17 jul. 1960, p. 11.

FORMAÇÃO das elites científicas do país. **Correio Paulistano**, São Paulo, ano 104, n. 31.227, 18 jan., 1958, p. 16.

GIL-PÉREZ, D.; et al. Para uma imagem não deformada do trabalho científico. **Ciência & Educação**, v. 7, n. 2, p. 125-153, 2001.

GONÇALVES NETO, W. Imprensa, civilização e educação. In: GATTI JÚNIOR, D.; ARAUJO, J. C. S. (Orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG, EDUFU, 2002, p. 197-225.

INSTITUTO Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano XLVI, n. 15.842, 27 jun. 1946, p. 03.

JOVEM cientista gastou 130 horas para confecção da lente de um telescópio. **Correio Paulistano**, São Paulo, ano 110, n. 32.866, 12 jul. 1963, p. 03.

JOVEM cientista localiza gruta pré-histórica em Ribeirão Bonito. **Correio Paulistano**, São Paulo, ano 109, n. 32.602, 15 jul. 1962, p. 05.

KRASILCHIK, M. Inovação no ensino das ciências. In: GARCIA, W. E. (Org.). **Inovação educacional no Brasil: problemas e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 1989, p. 164-184.

KRASILCHIK, M. **O professor e o currículo das ciências**. São Paulo: Edusp, 1987.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão, et al. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LOPES, J. L. **Ciência e libertação**. Rio de Janeiro: Terra, 1969.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 111-154.

MAIS de setenta inscritos no concurso “Cientistas de Amanhã”. **Correio Paulistano**, São Paulo, ano 106, n. 31.944, 18 maio 1960, p. 07.

MOREIRA, I.; MASSARANI, L. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In: MASSARANI, L.; et al. (Orgs.). **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, 2002, p. 43-64.

NOS “Cientistas de Amanhã”: o futuro do país. **Correio Paulistano**, São Paulo, ano 106, n. 31.924, 24 abr. 1960, p. 08.

NOVA geração de cientistas brota nos fundos de quintal. **Diário da Noite**, São Paulo, ano XXXIII, n. 10.115, 20 jan. 1958, p. 10.

NÓVOA, A. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. (Orgs.). **Educação em revista: a imprensa periódica e história da educação**. São Paulo: Escriculturas, 2002, p.11-32.

OMASTRONI, M. J. Concursos Cientistas de Amanhã: das origens à atualidade. **Revista Eletrônica no Núcleo José Reis de Divulgação Científica**, São Paulo, 2007.

PESAVANTO, S. J. **História & história cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PROST, A. **Doze lições de história**. 2. ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2019.

REIS, J. Divulgação da ciência. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 6, n. 2, jun., p. 57-60, 1954.

REIS, J. **Educação é investimento**. São Paulo: IBRASA, 1968.

REIS, J. Em busca de talentos científicos. **Folha da Manhã**, São Paulo, ano XXVII, n. 8.438, 26 de jul. 1948, p. 04.

REIS, J. **Feiras de ciências: uma revolução pedagógica**. Instituto de Física Teórica, São Paulo, 1965.

ROMERO, M. **Inúteis e perigosos - o Diário da Noite e a representação das classes populares - São Paulo (1950-1960)**. 2008. 209f. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SILVA, M. P.; FRANCO, G. Y. Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. **Revista História em Reflexão**, Dourados/MG, v. 4, n. 8, jul./dez., p. 1-11.

THALASSA, A. **“Correio Paulistano”: o primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna - o jornal que "não ladra, não cacareja e não morde"**. 2007. 168 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

Recebido: 28 mar. 2021

Aprovado: 10 nov. 2021

DOI: 10.3895/actio.v6n3.13995

Como citar:

SILVA, T. R. da; SILVA, B. R. da. “Que surjam os cientistas de amanhã”: divulgação científica e ensino das ciências em jornais de São Paulo (1957-1963). **ACTIO**, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 1-21, jan./abr. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/actio>>. Acesso em: XXX

Correspondência:

Tiago Rodrigues da Silva

Rua Hygino Muzy Filho, n. 737, Mirante, Marília, São Paulo, Brasil. CEP: 17525-900,

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

